

FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL

2

Amor de Mãe



Francisca Bernardina Fialho

lamentando a morte de seu esposo Ma-
noel Pereira e de sua extremosa filha
Carmelia.

1924

AMOR DE MÃE

Adeus filinha, mimosa flôr,
Meu bem, meu amor, meu primeiro fructo
E' tua maezinha, que triste implora,
Que lamenta e chora, coberta de luto.

Vivê pensativa, lamentando a sorte
Deste duro corte, sem mais esperança
Que triste soffrer, cruel amargura
Numa sepultura, teus restos descança

Adeus filinha, meu anjo do lar
Tu foste morar, na eternidade
Na morada santa de Deus verdadeiro
Pae bom e justiceiro de tanta bondade.

.....

Qual é o ente que mais amaes no mundo
E' teu filho, por ser amôr profundo
Como no mundo não ha amor mais puro
Minha filinha a quem tanto eu amei
Morreu sorrindo, chorando eu fiquei
Que dores passei que golpe tão duro.

A morte de meu querido esposo

Manoel Pereira do Nascimento

Leitores que já conhecem
Da amargura o duro corte
Quem já viu loçados os seus
Com o cruel peso da morte
Vais ver uma pobre esposa
Eamentando a sua sorte

Dona Francisca Fialho
Tão bem casada vivia
Unidos como dois pombos.
Dentro de um céu de alegria
Um pela honra do outro
A mão no fogo metia.

Era Manoel Pereira
Esposo de Francisquinha
Esse casal bem unido
Teve apenas uma filhinha
Ao nascer deram-lhe o nome
De Carmelia ou Carmelinha.

Era o mimo dos seus paes
Esta innocente criança
A natureza esmerou-se
Neste anjo de esperança
A esquecer-me dos seus traços
Jámais apaga a lembrança

Mas como a felicidade
E' coisa que pouco atura.
E' como o clarão da lua
Quándo passa a nuvem escura
Roubando toda a belleza
Duma noite a formosura.

Oh que saudosa lembrança
Daquelle tristonho dia
A dois do mez de janeiro,
Que Francisquinha dizia
O ultimo adeus a seu esposo
Sua fiel companhia.

Passo a vida sempre triste
Como a pobre mãe da lua
Toda vez que canta, chora,
Reclamando a sorte sua.
E' como esta pobre victima
Duma sorte tyrana e crua.

De tudo o que mais me afflige
E me opprime o coração
E' a morte do meu esposo
A cruel separação
Lamento, choro e suspiro
Sem achar consolação.

No anno de vinte e quatro
No bello mez de janeiro
A vinte e quatro do mesmo
No nosso céu brazlleiro
Deu a alma ao creador
O meu fiel companheiro.

Era Manoel Pereira,
Meu esposo extremecido
Natural do Ceará.
Em «Inhamun» foi nascido
Alma pura de bondade
Por todo o mundo querido.

Mas a morte trahidora
Sem ter de mim piedade
Arrebatou dos meus braços
Minha maior felicidade
Apossou-se dos meus carinhos
Em troca da eternidade.

Com a morte do meu marido
Tudo p'ra mim se acabou
Só fiquei com Carmelinha
O fructo do nosso amor
Essa com um anno e dois mezes
A morte tambem levou

Para nunca mais voltar
A este mundo de enganos
Fiquei soffrendo sozinha
Estes martyrios tyranos
Onde a humanidade marcha
Para os mais errados planos.

Junto a querida filhinha
Dormem os teus restos mortaes
Tenho firme recordação
Dos teus traços divinaes
Adeus meu querido esposo
Adeus para nunca mais.

Adeus meu querido esposo
Não ouvis eu soffrer tanto?
Nos pés de uma sepultura
Derramando um triste pranto
Fazendo uma prece a Deus
Por ser Justo, sabio e santo.

Recebe um saudoso adeus
Desta que tanto padece
Em recompença das lagrimas
Meu coração te offerece
Uma saudosa lembrança
No tumulo de quem merece.

Vivo triste e pensativa
Tanta alegria que tinha
Hoje me vejo laçada
Pela cruel sorte mesquinha
Recebe o ultimo adeus
De tua esposa—FRANCISQUINHA

Meu peito só vive arfando
A triste lamentação
Não é de carne é de pedra
O meu pobre coração
Um vez do riso e carinho
Lamento, dôr e aflição.

Por causa destes lamentos
Espero na cruel sorte
Resta-me esta esperança
Esperar um dia a morte
Infeliz da sorte minha
Restava a minha filhinha
A esperança mais forte.

A morte de Carmelinha

No anno de vinte e dois
Em uovembro a vinte seis
Num dia de primavera
O sol surgia de vez
A natureza agitava-se
Do beneficio que fez.

Era a linda Carmelinha
Que via a luz desse mundo
Com dois olhos tão brilhantes
Como não teve segundo
Sem saber que mais tarde
Dava disgosto profundo

Disgostó por ter morrido
Na flôr dos verdes annos
Ainda anjo innocente
Deixou o mundo de enganos
Para abraçar alegremente
Deus, o rei dos soberanos.

A vinte e sete deixou
A vida material
Este mundo de miserias
Aonde só se faz o mal
Como uma prece vccu
Para a vida espiritual.

7 No anno de vinte e quatro
A vinte e sete de março
No logar Lagôa Nova
Deu-se esse desenlaço
Foi alli que a cruel morte
Contra a mim ergueu o braço

Na matta dos fuzilados
Sepultou-se Carmelinha
Acabaram-se os meus prazeres
Toda a alegria que tinha
—Adeus para sempre, adeus
Minha querida filinha.

Adeus prezada filhinha
Morreste na flôr da idade
De ti só resta lembrança.
No coração a saudade.
Sem ti não tenho alegria,
Tudo é dôr e soledade.

Adeus estremosa filha
Fostes e não voltas mais
Não me deixes soffrer tanto
O alivio porque não trais?
Tem pena de quem só vive
Entre suspiros e ais.

Oh! morte ingrata tyranna
Quanto teu nome é cruel
Trocou-me os dôces carinhos
Por uma taça de fêl.
Minha filha, meu amôr
Coração doce e fiel.

Porque roubaste tão cedo
A minha filha querida
Sem ella não quero mais ter
Consolo na minha vida
O' morte, quanto te odeio
E's assassina e perfida.

Porque tambem não levastes
Esta mãe que por ti chora?
Quero viver junto a ti
E' tua mãezinha que implora
Com uma prece ao bom Deus
A quem tu constante adora.

O' morte infame e maldita
E's irmã dos desenganos
Levaste a filha querida
Que a penar tinha dois annos
Era o meu maior consolo
Neste mundo de profanos.

Choro porque os teus ossos
Descançam na terra fria
E rir-me por tambem rir
Tua alma aos pés de Maria
Adeus até não sei quando
Quando Deus mandar o dia.

Hoje vivo neste mundo
Sem consolo e sem prazer
Sem ti querida filhinha
Não desejo mais viver
Sem gozar dos teus carinhos
Antes mil vezes morrer.

Vivo triste e sem consolo
Chorando de noite e dia
Pensar em não mais ti ver
Não posso ter alegria
Tua mãe soluça e chora
Na mais cruel agonia.

Adeus querida filhinha
Para sempre adeus, adeus,
Recompensa as minhas preces
Com a recordação dos teus
La do céu ainda habita
Recebe os affectos meus.

Adeus, ó anjo do céu
Estrella do oriente
Anjo de extrema bondade
Ou alma pura e innocente
Tua vida foi comparada
Aos raios do sol nascente.

Nasce com tanta belleza
Passa a nuvem e obscurece
Assim compara-se a morte,
Que mata e desaparece
E' como a neve que passa
Quando os raios do sol cresce.

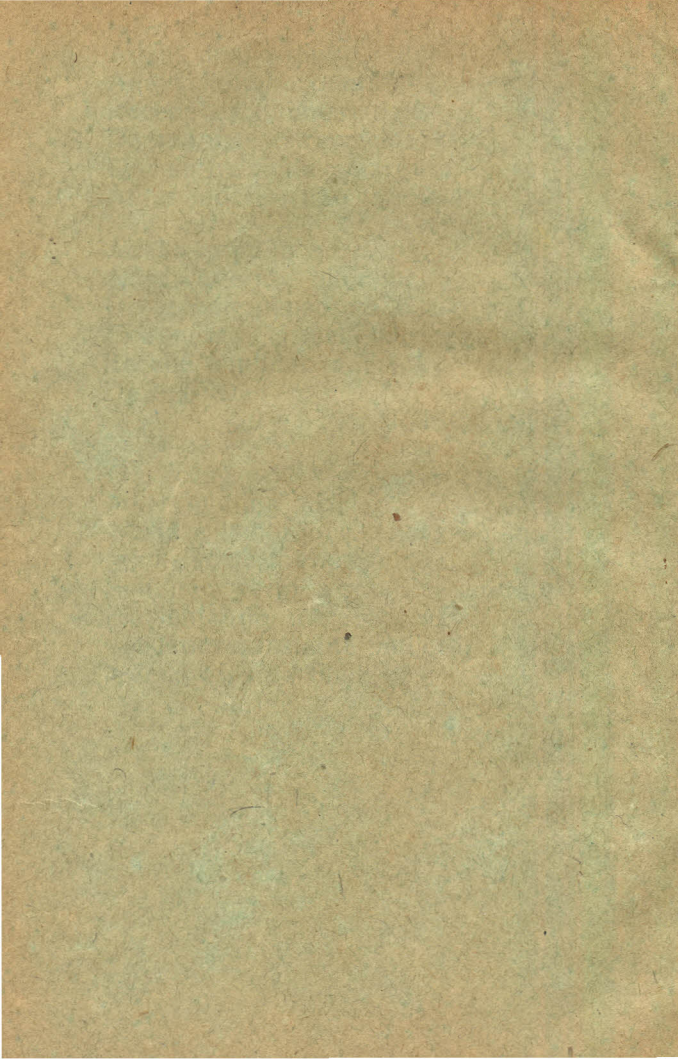
Lembranças de ti filhinha
Hoje só me resta os traços,
Em saudosa recordação.
Uma fita com dois laços
Quando eu morrer ó filhinha
Me recebe nos teus braços.

Adeus meu anjinho, adeus,
Adeus filhinha querida
Recebe os ultimos adeus
De tua mãe estremecida,
Que soffre tanta amargura
Antes morrer, não ter vida:

Adeus anjinho querido
Adeus querida tilhinha,
Dia e noite penso em ti,
Extremosa Carmelinha,
Recebe o ultimo adeus :
De tua mãe—

FRANCISQUINHA

Ohoro só pela amargura,
Vver que na sepultura
Resta a lembrança segura.
Minha sorte foi mesquinha.
Em meu peito a saudade mora,
Tamentando triste chora,
Instante a instante implora,
Vdeus querida filhinha.





BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).